

REVISTA

— DE —

ENSINO AO SURDO

PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE SURDOS

ANO I

Distrito Federal, 1954

N.º 2

NESTE NÚMERO:

- ☆ *A DEFICIÊNCIA AUDITIVA E OS ESCOLARES DO DISTRITO FEDERAL*
- ☆ *CONCLUSÕES DA COMISSÃO RELATIVA ÀS CRIANÇAS PORTADORAS DE DISTÚRBIOS DA PALAVRA NO SEMINÁRIO REALIZADO EM 1953, EM S. PAULO.*
- ☆ *O USO DE APARELHOS DE PRÓTESE AUDITIVA.*

PREÇO:
Cr\$ 10,00

E OUTROS TRABALHOS DE INTERESSE
PARA AS PESSOAS QUE CONVIVEM COM
SURDOS OU ENSURDECIDOS

**REVISTA
DE
ENSINO AO SURDO**



REVISTA TRIMENSAL DA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PROFESSORES DE SURDOS



DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Prof. Regina Rondon Krivochein

REDATOR:

Prof. Jorge Mário Barreto



ENDEREÇO:

Rua C. Junior, 280

Laranjeiras - D. Federal

Telefone 45-8674



A direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados.

DESEJAMOS ESTABELECEER PERMUTA
DESEAMOS ESTABLECEER EL CAMBIO
WE WISH TO ESTABLISH EXCHANGE
DESIDERIAMO STABILIRE CAMBIO
ON DÉSIRE ÉTABLIR ÉCHANGE
AUSTAUSCH ERWUNSCHT



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE
PROFESSORES DE SURDOS**

(Fundada em 21-8-1952)

PRESIDENTE :

PROF. JOAO BRASIL SILVADO

SECRETÁRIA :

PROF. LÉA BORGES CARNEIRO

SECRETÁRIA-SUPLENTE — PROF. NANCY TEIXEIRA DE GODOY

TESOUREIRO — PROF. ANTÔNIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

DIRETORA DE BIBLIOTECA
E PUBLICAÇÕES

{ PROF. REGINA RONDON KRIVOCHIN

DIRETOR DE CURSOS
E CONFERÊNCIAS

{ PROF. FELIPPE CARNEIRO

DIRETOR DOS INTERESSES
DO MAGISTÉRIO

{ PROF. MARIJESO DE ALENCAR BENEVIDES

A deficiência auditiva e os escolares do Distrito Federal

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE SURDOS, acaba de dirigir ao Exmo. Sr. Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal, a exposição abaixo, na qual são esplanadas as vantagens da introdução em nossos meios, das modernas provas de apuração das pequenas perdas auditivas.

Aguarda a Associação Brasileira de Professores de Surdos o pronunciamento de S. Excia., o Snr. Secretário de Educação e Cultura, para que sejam estabelecidos os primeiros entendimentos necessários a concretização das sugestões apresentadas.

“DD. Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal.

Em cumprimento a honrosa incumbência, recebida em Assembléia Geral da Associação Brasileira de Professores de Surdos, (A.B.P.S.), pedimos a atenção e o interesse de Vossa Excelência para o assunto de suma importância que passamos a expor.

— Provavelmente, existem muitos escolares portadores de pequena deficiência auditiva, freqüentando as diversas escolas dessa Prefeitura. Essa deficiência não os impede, contudo, de aprender pela via natural — o ouvido — entretanto, poderá ser a responsável por pequenos defeitos articulatórios, queda da altura da voz, morosidade na realização da aprendizagem, bem como, insegurança na sua fixação, etc. Fenômenos esses, mui-

tas vezes, explicados como falta de atenção, língua presa e outros da mesma espécie.

Estamos nos referindo a perda auditiva ligeira, justamente por ser a menos perceptível, mas de grande gravidade e sérias conseqüências, se não ocorrer o imediato e enérgico socorro médico-pedagógico, uma vez que as de ordem mais grave são surpreendidas com relativa facilidade.

Como medida de alto alcance, sugerimos, a prática das provas logoaudiométricas, após se proceder ao balanceamento fonético da nossa língua, provas essas, que não deverão incidir apenas por ocasião do ingresso do menor na escola, mas passar a fazer parte dos exames periódicos a que atualmente os mesmos são submetidos.

Lembrando tal procedimento, não estamos inovando, mas apenas estendendo uma prática que

tem trazido resultados positivos nos centros mais adiantados, como os EE. UU., onde os escolares são cercados de todos os cuidados e gozam dos benefícios de uma organização psico-médico-pedagógica modelar.

Apurada alguma perda auditiva e após análise dos resultados obtidos, será traçada a orientação para cada caso, sugerindo-se então, entre outras medidas: melhor colocação do escolar na sala de aula; posição e modo da professora dirigir-se à turma: uso de dispositivo individual de prótese auricular; aprendizagem da leitura labial; criação de classe provida de aparelhagem de amplificação sonora, isto dependendo do número de alunos portadores de perda auditiva.

As providências de ordem pedagógica deverão ser estabelecidas em perfeita harmonia com as de natureza médica, prosseguindo-se, também, nesse setor, no trabalho médico-pedagógico, há muito praticado pela Muni-

cipalidade e único capaz de proporcionar as condições favoráveis, imprescindíveis ao bom desenvolvimento escolar da criança.

Ressaltamos, que ao darmos cumprimento ao encargo recebido, não tivemos em mente estabelecer normas ou roteiros, pois pensamos que para isso, só uma equipe de técnicos, após metuculosos estudos, poderia levar a bom termo a providência exigida pelos modernos princípios da audio-fonologia e reclamada pelo nível cultural do nosso País, cujo alcance e relevância, certamente, não escapam ao esclarecido espírito de Vossa Excelência.

Concluindo, expressamos nossos agradecimentos pela atenção que o assunto venha a merecer de Vossa Excelência, deixando ao inteiro dispor dessa Secretaria, a colaboração da Associação Brasileira de Surdos, empenhada no estudo e solução dos problemas da surdez e surdo-mudez".

(a.) J. Mário Barreto



COLAÇÃO DE GRÁU

Teve lugar, no auditório do I. N. S. M., no dia 12 de fevereiro p.f. a sessão solene da colação de gráu da primeira turma de formação de professôres de surdos, bem como dos que concluíram o curso de Aperfeçoamento para professôres daquela instituição.

Aos novos colegas, a REVISTA DE ENSINO AO SURDO, augura os melhores votos de sucesso na árdua e nobre tarefa que escolheram — A RECUPERAÇÃO DO SURDO DO BRASIL.

CONCLUSÕES DA COMISSÃO RELATIVA ÀS CRIANÇAS PORTADORAS DE DISTÚRBIOS DA PALAVRA

(Seminário realizado em 1953, em S. Paulo)

COORDENADOR — Dr. ARMANDO PAIVA DE LACERDA — Médico audiologista, ex-diretor do Instituto Nacional de Surdos-Mudos e Orientador Técnico do Núcleo Educacional para crianças surdas, da Prefeitura Municipal de São Paulo.

RELATORA — Irmã MARIA TRINDADE — Professora do Instituto Santa Terezinha para Surdas-Mudas, de São Paulo.

SECRETÁRIA — Professora FRANCISCA HELENA FURIA — Diretora do Instituto Paulista de Surdos-Mudos, de São Paulo.

PROFESSORAS PARTICIPANTES — Irmã Maria Elisabete (do Instituto Santa Terezinha para Surdas-Mudas) — Manuela Garcia Ramirez — Josefina Beirão — Aracy Cavalcanti Tabajara (do Rio Grande do Sul).

A Comissão faz sentir, inicialmente, que o problema das crianças surdas, apesar de não se enquadrar na denominação de "Distúrbios da palavra" da organização geral dos trabalhos deste Seminário, foi considerado e debatido quase exclusivamente nas reuniões, dado o interesse manifestado nesse sentido por todos os membros da Comissão, constituída em sua maioria por professores de surdos.

Isto não significa que se haja submetido, nos debates, a importância do problema relativo à educação das crianças portadoras de distúrbios da palavra. Muito pelo contrário, apesar de se haverem inclinado os debates pelo problema da educação dos surdos, a Comissão por decisão unânime, resolveu alertar os participantes deste Seminário, bem como as autoridades competentes, sobre a necessidade de se encontrar solução adequada para esse problema educacional dos deficientes da fala, sobretudo dos ca-

sos mais graves de afasia infantil, cuja educação não pode ser realizada nas escolas de surdos nem nas de oligofrênicos, por constituir problemas a parte, tanto do ponto de vista fisiopatológico, como psicopedagógica.

Os integrantes desta Comissão, considerando que o surdo-mudo não pode ser estudado como portador de distúrbios da linguagem, visto ser a mudez, no seu caso, uma consequência da surdez, sendo-lhe ainda facultadas condições fisiológicas propícias à enunciação da palavra por meio da educação especial, resolvem:

1.º) Propor a inclusão no plano do próximo Seminário sobre a criança excepcional, de acordo com o conceito científico mais aceito, de Comissões correspondentes aos deficientes sensoriais (cegos e surdos)

2.º) Sugerir que se conserve a atual comissão correspondente aos casos de crianças portadoras de distúrbios da fala, sob esta de-

nominação ou a de "distúrbios de Linguagem"

3º.) Lembra a necessidade de formação de técnicos especializados que se dediquem à educação dessas crianças.

Em vista dos motivos acima expostos, a Comissão norteou seus trabalhos, atendendo ao temário, no que diz respeito à educação das crianças surdas.

I — REGIME DE VIDA NAS INSTITUIÇÕES ESPECIALIZADAS

a) A Comissão considera que para melhor integrar a criança surda na Sociedade, o regime de semi-internato é mais apropriado para os alunos principiantes, os quais, para iniciação da palavra articulada, da leitura labial e adaptação ao meio escolar, precisam de períodos menos longos de aula, com frequentes intervalos. O Regime de externato favorece aos de grau mais adiantado, dando-lhes oportunidade de intercâmbio com as crianças normais.

Não existindo, porém, possibilidades, no atual momento, de instalações de escolas especializadas, em maior número, o internato vem suprir essa lacuna.

Em resumo, a Comissão admite os três sistemas, atendendo às condições atuais do ensino para crianças surdas.

b) Quanto ao programa de atividades, a Comissão sugere o seguinte:

1º.) Ensino fundamental da linguagem falada, por meio da articulação e leitura labial.

2º.) Ensino auditivo para os portadores de resíduos auditivos suscetíveis de aproveitamento.

3º.) As disciplinas que integram o currículo da escola primária comum.

4º.) Práticas educativas e atividades lúdicas.

5º.) Trabalhos artesanais.

c) Com referência ao horário, a Comissão foi unânime em propor para o ensino fundamental da linguagem, um período mínimo de três horas, sendo o horário das demais disciplinas, estabelecido consoante o regime de cada escola.

Outrossim, julga oportuno ressaltar que as classes de linguagem devem ter a lotação máxima de 10 alunos.

d) Quanto ao local onde — deve ser instalada a escola, atendendo às condições atuais e de ensino de crianças surdas em nosso país e à inexistência de classes especiais anexas às escolas comuns, o que seria grandemente vantajoso para elas, pelo contato com as crianças normais, ainda se verifica a necessidade de educá-las em estabelecimentos próprios.

A Comissão, em sua maioria, é favorável à coeducação, por ser esse o sistema educacional que mais condiz com a realidade das condições sociais da vida futura do educando.

e) O convívio das crianças surdas com as ouvintes será de grande utilidade, não só para o desenvolvimento da linguagem, como também para sua educação.

Esses contatos sociais poderão ser estabelecidos através de excursões, visitas, clubes esportivos, sessões de auditório, colônias de férias e por outros meios que lhes possibilitem sua perfeita integração na vida social.

f) O problema da disciplina da criança surda, como o de qualquer outra, requer cuidados especiais, não se admitindo, de modo algum, a disciplina coercitiva.

O educando cercado de um ambiente de compreensão, poderá ser levado dentro das oportunidades

que a escola lhe oferece, e atendeu a seus direitos e deveres, a uma disciplina consciente, que será mantida através de um trabalho bem motivado que corresponda a seus interesses, contribuindo assim para o desenvolvimento harmonioso de sua personalidade.

A Comissão, considerando a complexidade do problema do furto não apresenta meios para solucioná-lo e sim aconselha um estudo especial, para cada caso e, segundo as causas que o determinaram, a aplicação de um tratamento adequado.

Quanto aos problemas sexuais, a experiência tem demonstrado como meios corretivos a intensificação do trabalho e das práticas desportivas ou de toda e qualquer atividade que canalize as tendências negativas do educando, condizindo-o à valorização das positivas, além de uma vigilância contínua e discreta.

II — TRABALHOS ARTEZANAIS

a) Podem ser ensinados aos surdos, conforme as condições individuais e as circunstâncias locais de trabalho no país, quase todas as atividades artesanais.

b) Tendo o surdo a capacidade de coordenação muscular bastante desenvolvida, poderá se adaptar a qualquer ofício, de acordo com a sua aptidão.

c) As oficinas poderão ser organizadas sob os mesmos moldes das existentes em escolas artesanais, sob a direção de técnicos profissionais com conhecimentos básicos de psico-pedagogia, indispensáveis ao tratamento do educando surdo.

d) A Comissão julga ser útil, como preparação à vida econômica futura dos alunos, e, à sua melhor integração social, a remuneração dos trabalhos artesanais executados por aqueles, desde que uma percentagem sobre o valor desses

trabalhos, seja convertida em pecúlio próprio.

III — PROBLEMA DE EGRESSOS

O problema de adaptação do egresso à vida social poderá ser solucionado quando, em complementação à sua formação escolar, se obtiver o preparo da família e da sociedade, mediante a criação de um "Serviço Social de Orientação", de preferência junto aos estabelecimentos especializados.

Esses serviços abrangeriam atividades de orientação por meio de conselhos, palestras, campanha pela imprensa e rádio, inclusive cursos livres e gratuitos mais especialmente destinados às mães de crianças surdas, devendo por outro lado, assistir diretamente o egresso no sentido de seu ajustamento social e econômico.

O reajustamento social poderá ser ainda favorecido pela criação de associações de ex-alunos, de caráter cultural, social, recreativo e desportivo, filiadas ao "Serviço Social de Orientação".

Com relação à adaptação do egresso à vida profissional, desde que, ele tenha sido preparado convenientemente no artesanato, atendendo à sua vocação, estará em condições de provêr sua independência econômica e de se tornar um indivíduo útil à coletividade.

OUTRA SUGESTÕES

Atendendo à importância de dois problemas fundamentais à educação da criança surda, quais sejam o da educação precoce e o da preparação de professores especializados, o coordenador da Comissão resolve acrescentar neste relatório itens referentes a tais assuntos.

1º.) **EDUCAÇÃO PRECOCE DA CRIANÇA SURDA.**

Debatida a matéria e considerando-se que a idade constitui uma das condições primordiais à obtenção de resultados satisfatórios do ensino destinado às crianças surdas, recomenda a Comissão que se dê início à educação dessas crianças, o mais cedo possível, em Escolas Maternais e em Jardins de Infância, como preparação ao ensino fundamental de linguagem.

2º.) **PREPARAÇÃO DE PROFESSORES ESPECIALIZADOS**

Outrossim, recomenda a Comissão, atendendo ao elevado número de surdos mudos em idade escolar, em todo o país, sem receberem instrução, a necessidade da preparação de professores especializados por meio de cursos organizados sobre bases científicas, a fim de serem distribuídos por escolas próprias ou por classes anexas às Escolas Públicas comuns que venham a ser criadas.



FALECIMENTO

É com profundo pesar que registramos o falecimento do prof. Mário Régis de Alencastro, ocorrido a 11 de fevereiro próximo passado.

Pertencia o prof. Mário Régis de Alencastro a A. B. P. S., tendo sido dos que mais ativamente participou da sua fundação e exercia o cargo de secretário desta Revista.

Gozava o extinto, de grande estima entre seus colegas pelos dotes morais e intelectuais que possuía.

Renato Gonçalves de Andrade

Cirurgião-Dentista



Av. Rio Branco, 143-1.º

Telefone 52-5447

O uso de aparelhos de prótese auditiva

Pelo Prof. J. Mário Barreto

COM as presentes notas, visamos esclarecer aos pais ou responsáveis por pessoas portadoras de perda auditiva acen-tuada, o problema tal qual éle se oferece na realidade, segundo o compreendemos nas duas dezenas de anos a que nos dedicamos ao ensino das crianças surdas.

Temos sido freqüentemente procurados, a fim de opinarmos sobre o uso de aparelhos de prótese auditiva por pessoas nascidas surdas ou ensurdecidas nos primeiros anos de vida e hoje em idade adulta, as quais receberam ensino incompleto, por circunstâncias várias e, outras vêzes, embora inexistindo essa lacuna, tratavam-se de pessoas possuidoras apenas e infelizmente, de linguagem mímica, desejosas de usarem dispositivo eletro-acústico.

Revelavam, essas pessoas, a certeza de que o simples uso de um aparelho seria capaz de, suprimindo-lhes a audição deficiente, dar-lhes imediatamente a posse da linguagem falada, sem qualquer socorro de ordem pedagógica.

Sabemos que os restos auditivos podem ser aproveitados, quando mais extensos pelo ensino auditivo-visual e, quando menores, pelo ensino oral, para melhorar o ritmo da fala, inflexão e modulação da voz, etc., isso naturalmente dentro de um curso de estudos e não como pensam os menos avisados, julgando ser o problema apenas de

amplificação. Para êsses, acen-tuamos que audição e linguagem estão intimamente ligadas e fazem parte de um mecanismo por demais complexo.

Ocorre lembrar, que o assunto em tela, foi ampla e seguramente esgotado pelo audiologista Dr. Armando Paiva Lacerda, como aliás é de seu hábito, no n.º 5, Vol. XX, da Revista Brasileira de Oto-Rino-Laringologia, 1952.

Resumiremos, exemplificando:

— os portadores de resíduos auditivos, susceptíveis de aproveitamento, desprovidos, entretanto, de linguagem auditiva, devem submeter-se a um período de treinamento, em face da ausência da mesma,

— os portadores de resíduos auditivos aproveitáveis, mas que não dispõem de linguagem, contando apenas com gestos para sua comunicação, carecem da criação das diversas formas da linguagem e, só após isso, poderão pensar no uso de dispositivo eletro-acústico individual.

Lembrando os ensinamentos do ilustre Prof. Silverman, recomendamos um período de treinamento auditivo intenso, a fim de se possibilitar segura apuração dos resíduos, pela melhor compreensão dos sons, inclusive os da fala, muito mais complexos, para encetarmos então, o trabalho de criação da linguagem — “por intermédio do ouvido ou principalmente por

(Conclui na pág. 13)

A Educação Moderna dos Surdos-Mudos

Pelo DR. HANS WORNER, de Zurique

(1) Fundamentos psíquicos e fisiológicos da aquisição da linguagem

Os impulsos acústicos da linguagem, de origem externa, faltam na criança surda-muda; mas Adolph Kussmaul (1822 a 1902) ("Die Störungen der Sprache", 2ª. edição, pág. 52 e seg.) já reconhecia que o ouvido não era a única fonte reflexa de exteriorizações fônicas. Necessário se torna admitir que cada criança é dotada de uma disposição *filogenética* que há-de levá-la a falar. Com efeito, verificou-se que a criança surda-muda de nascença balbuciava no decorrer dos primeiros anos e que gritava de *uma maneira fônica*. Sustentou-se que esta tendência genotípica para as exteriorizações fônicas se mantinha na criança surda-muda aproximadamente até à idade de cinco anos e que depois desaparecia se não fosse cultivada. (Cf. Aug. Abend: "Der genotypische Faktor des Sprechlernens", z. f. Kinderforsch., Vol. 31, 1926).

Essa necessidade de se exteriorizar por meio de sons já tinha sido pressentida, de maneira intuitiva, na América, no fim do século XIX. Esse fato tinha mesmo levado Sarah Fuller, aluna de Bell, a fundar em 1888 uma casa para os surdos-mudos *muito jovens* onde se recebiam as crianças desde a idade de dois anos. Foi sobretudo Emma Garrett quem demonstrou a imperiosa necessidade de utilizar a tendência *hereditária* para falar, enquanto o cérebro da criancinha possui essa faculdade, em vez de se esperar pela idade escolar. O ensino deve começar o mais cedo possível, quer dizer, desde que o diagnóstico esteja feito.

Esta necessidade foi apontada muitas vezes na Europa; mas, até aqui, nada se fez de concreto.

O problema está ligado à antiga questão filosófica das relações existentes entre o pensamento e a palavra e à polémica sobre se há um pensamento sem palavra. Neste ponto reina ainda hoje a opinião que já tinham Platão e Santo Agostinho. Este último definia o pensamento como uma linguagem interior a si mesma e considerava impossível um pensamento constituído fora dos conceitos formados pela linguagem, como o faria mais tarde a escola do "behaviourismo".

Procurando donde vinha o impulso filogenético que incitava o indivíduo a falar, a psicologia experimental concluiu que, no ato de pensar, intervinham provavelmente certos impulsos articulares motrizes (cf. a descrição de C. A. Cæsar pág. 608). Verifica-se assim em muitos seres humanos, sobretudo nos auditivos, que um pensamento intenso se exterioriza por movimentos concomitantes dos órgãos da palavra, por vezes mesmo de todo o corpo. Tentou-se mesmo explicar por meio desses fenômenos de exteriorização certas experiências de telepatia: os *mediums* chegariam aos seus resultados observando os movimentos involuntários que acompanhavam o pensamento (cf. Richard Hennig: "Wunder und Wissenschaft", Vol. I, Hamburgo 1904).

Falar é reproduzir as posições articulares dadas pela recordação e

(I) Actas CIBA.

pela sensibilidade orgânica profunda. As representações das palavras são, em muitos homens, representações *motrizes* (imagem articulatória), em oposição à "imagem auditiva" ou "sonora" e à "imagem visual" que provém da escrita).

Como vamos fazer compreender ao surdo-mudo, que nada ouve, essas formas verbais e os sons que elas vão produzir? O antigo método fonético procedia duma maneira absolutamente estática, a partir de



A mais antiga representação dum alfabeto digital. Reconhecer-se-á facilmente que as três formas de cada uma das letras tentam reproduzir a imagem da escrita pela posição dos dedos. Gravura em madeira extraída da obra de Cosmas Rosselius "Thesaurus artificiosæ memoriae...", Veneza 1579

sons isolados. Mas, na realidade, a sensibilidade profunda segue os sons isolados, divididos à maneira de átomos pela fonética ou, de fato, existem outros complexos de representação?

Eduard Sievers (1850-1932) ("Grundzüge der Lauphysiologie", 1876) já tinha reconhecido que um som isolado era uma abstração artificial, que uma palavra não era a adição pura e simples de sons desligados e que, uma frase era mais do que a soma dos seus termos.

Além disso verificou-se recentemente que a criancinha concebe já a língua como um complexo e que o método escolar que consiste em fragmentar as palavras em átomos inorgânicos por meio do alfabeto não é mais do que um processo desnecessário, pois, sabe-se seguramente agora que a aquisição primitiva da língua segue leis totalmente diferentes.

Constantino Malisch (1860-1925) é certamente o autor que procurou este caminho novo mais profundamente e com mais acerto. Ele toma como base do seu método o instinto de comunicar com os outros, o qual é inato em cada indivíduo e sobretudo na criança, a sua imensa necessidade de imitar, e, portanto, de repetir os movimentos da linguagem. Rejeita o antigo método que procede dos sons isolados, o que ele acha artificial, e começa por *conjuntos* de linguagem. Depois de breves preliminares passa ao balbuciar e manda em seguida fazer exercícios com frases curtas por movimentos simples da linguagem que se gravam nas vias reflexas articulares motrizes. Ensinando simultaneamente a ler sobre os lábios e, a falar, ler e escrever, ele provoca uma união associativa do conteúdo da linguagem com os movimentos inconscientes da palavra (C. Malisch, Spre-

chempfindungen und Sprechunter-
richt, Blautt für Taubstammenbil-
dung, Vol. 19, 1906, pág. 2 e seg.) .

Entre 1920 e 1930, o método de
Malisch teve um sucesso extraordi-
nário e foi empregado e aperfeiçoa-
do sobretudo na Escola maternal.
Mais tarde, foi abandonada a sua
forma *rigorosa* porque é perigosa

para a pureza da articulação e da
palavra. Atualmente, começa-se por
sons e palavras dotados de sentido.
O método de Malisch trouxe pelo
menos uma série de progressos e de
vantagens extremamente preciosos
para as escolas ordinárias e sobre-
tudo para a educação dos jovens
surdos-mudos.

O CEGO E O SURDO-MUDO

... Augurando a todos os cegos e surdos-mudos, as graças do
Senhor.

E. Pucci

*DISSE O CEGO: — O retrato do meu mundo
Está envolto num negror profundo
Como se mourejassem em sepulturas
E não me rodeassem criaturas...
Não posso conseguir o doce anelo
De contemplar a graça dos semblantes
Como o sorriso cândido dos infantes,
Primeira e fore concepção do belo.*

*DISSE O SURDO-MUDO: — Crua sorte
É a minha, sim, que não consigo ouvir
E sem falar, também, vivo a carpir
O meu silêncio sepulcral de morte.
É de tal forma o meu estado,
Que se eu quisesse permutar o amor
Teria um coração transido em dor
Para ofertar ao coração amado!*

.....
.....
*Do céu em rútilo esplendor
Descem cantando os anjos de Jesus:
Para guiar-vos na maré da LUZ
Cristo mandou trazer-vos paz e amor!...*

(Tradução do prof. Julio C. Vanni)

NOVA JANELA PARA O OUVIDO DO SURDO

Um grande avanço da ciência na recuperação de pessoas atacadas de surdez — A influência, sobre a audição, dos ruídos da cidade — o Rio, uma das mais barulhentas do mundo — Impressões de um especialista a respeito do grande congresso patrocinado pela Academia Americana.

— A influência do tráfego não prejudica os ouvidos, mas leva à neurastenia. E o Rio de Janeiro deve ser o lugar dos neurastênicos, pois, sem favor nenhum, é das cidades mais barulhentas do mundo — disse-nos o Dr. Waldemar Salém, ao ser inquerido pela reportagem, quando de seu recente regresso dos Estados Unidos, onde participou, por designação do Ministro da Aeronautica, do grandioso Congresso de Otorrinolaringologia e Oftalmologia, patrocinado pela Academia Americana, como representante do Brasil.

Em seguida, acentuando que o conclave foi “a maior reunião médica da especialidade” que se realizou naquele país, o Dr. Waldemar Salém explicou:

— Para que se tenha uma idéia da importância do Congresso, basta salientar que cerca de cinco mil médicos, vindos de toda parte do mundo, inscreveram-se e tomaram parte nos trabalhos. Centenas de teses foram apresentadas, somente da especialidade, e inúmeros cursos práticos e teóri-

cos funcionaram simultaneamente, em 25 salas diferentes no “Palmer House Hotel”. O horário dessas aulas era de 9 às 18 horas, diariamente, durante toda a semana do Congresso.

O ESTUDO DA “OTOSCLEROSE”

Declarou-nos nosso entrevistado que a primeira reunião do Congresso foi dedicada ao grupo que estuda a “Otosclerose” — surdez tipo progressivo e habitualmente familiar.

— Como se sabe — explicou o Dr. Salém — o único tratamento possível, nesta enfermidade, é o tratamento cirúrgico, por meio de uma operação conhecida pelo nome de “Fenestração”. Ninguém naquele Congresso discutiu se se deve operar ou não o doente com “otosclerose, pois a operação de “Fenestração” está aceita e empregada universalmente; foram apresentados, porém, alguns novos detalhes técnicos, com o intuito de evitar o fechamento da nova janela, fazendo

com que o ouvido tenha sua função melhorada em caráter permanente. Vários otologistas contribuíram nesse sentido, sendo o principal o nosso mestre e amigo o Dr. Julius Lempert, de Nova York — criador da técnica de "fenestração" em um só tempo adotada universalmente. Foi êle o relator principal do assunto.

NOVA "JANELA" PARA O OUVIDO SURDO

Falando sôbre a operação de "fenestração", o Dr. Waldemar Salém esclareceu que a mesma "consiste em se atingir um dos canais semi-circulares do labirinto, e aí abrir-se uma pequena janela de cinco milímetros de comprimento, que será o novo caminho para a onda sonora".

— É uma operação microscópica, — disse — pois trabalha-se com óculos de aumento ou com o próprio microscópio.

Indagando se a fadiga auditiva produzida pelos ruídos de certas profissões provocariam surdez, nosso entrevistado disse que "sim", explicando :

— A surdez profissional é quase sempre irreversível, isto é, incurável. Os ruídos fortes e contínuos de algumas profissões afetam o nervo auditivo, produzindo as neurites para as quais a operação de Fenestração não está indicada, nem outros tratamentos existem.

Respondendo a uma pergunta do reporter, o Dr. Waldemar Salém disse que "no nosso país não há uma incidência particular em relação a causa e efeito da surdez". Entretanto, acrescentou :

— Entre outras causas medicamentosas apareceu, nestes últimos anos, a "Streptomycina", como causadora de sérios distúrbios para o lado do ouvido.

Explicou nosso entrevistado que "sendo a Streptomycina um remédio heroico para as suas indicações, deve ser, entretanto, ministrada somente sob controle médico e não como se faz no momento, em que a legislação atual permite a aquisição da droga em qualquer farmácia, sem prescrição médica. A proibição deveria, aliás, ser extensiva a todos os antibióticos e outros medicamentos".

CRIANÇAS DEBÉIS-MENTAIS

O Dr. Waldemar Salém disse que "a pequena surdez torna a criança quase débil mental. A dificuldade que tem em não ouvir faz com que seja classificada de desatenta e, aos poucos, fica desambientada do meio em que vive, entre seus pequenos companheiros. Até na classe e professor se desinteressa por ela.

Assim vai se formando no menino um complexo de inferioridade que o coloca em frequentes conflitos na escola e em casa”.

— Foi por essa razão — frizou nosso entrevistado — que no último “Congresso de Chicago”, o assunto da educação do surdo foi tratado por um órgão especial, apresentando um programa completo, orientado por “The Hearing Conservation Comitée of the American Academy”.

Colabore com a nossa revista, angariando assinaturas.

ÚLTIMO AVANÇO DA CIÊNCIA

Concluindo a entrevista e após dizer que volta dos Estados Unidos mais uma vez encantado “com aquêlê esplêndido país, cujo povo criou uma civilização à parte, baseada no conforto, na cooperação admirável e senso prático de organização, tornando a vida com mais prazeres que em qualquer outra parte da terra”. o Dr. Waldemar Salém emendou :

— Para a surdez por otosclerose nada mais se fez hoje, fora da operação de fenestração. Êste é o único tratamento existente para êsse tipo de surdez.

(Transcrito de “Última Hora” de 22 de janeiro de 1953).

(Conclusão da pág. 18)

- “Programa da Cadeira de Direito Administrativo e Ciência da Administração da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro”, Rio, 1894;
- “O Serviço Policial em Paris e Londres”, Rio, 1895;
- “O dr. Prudente de Moraes. Traços biográficos”. (Trabalho tipográfico do professor cego A. L. Fagundes da Silveira; tip. do I. B. C., Rio 1896);
- “Breve Notícia do Instituto Benjamin Constant” (Rio, 1896);
- “Guia Prático para a Educação dos Cegos” (Rio, 1897);
- “Les Aveugles au Brésil” (Rio, 1901);
- “Revista do Instituto Nacional de Surdos Mudos” (Tipografia dêsse Instituto, 1095-1906). Editoriais e artigos;
- “Monumentos e escolas de Paris”, (correspondência publicada em A NOTICIA no 2.º semestre de 1911).

(Conclusão da pág. 7)

êlê” — na feliz expressão do Prof. J. Brasil Silvado, autoridade das mais capazes.

Completando ncssas notas, desejamos focalizar a conveniência da verificação periódica dos re-

sultados audiométricos de crianças, mesmo quando êsses resultados tenham sido desfavoráveis no primeiro exame, segundo a experiência nos tem revelado em nossas aulas.

Notícia Biográfica do Dr. João Brasil Silvado

Pelo Prof. J. BRASIL SILVADO JÚNIOR

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 14 de Janeiro de 1857 e faleceu em Paris a 5 de Dezembro de 1911.

Teve, portanto, uma curta vida de 54 anos.

Era filho legítimo de José Antonio de Menezes Brasil e de D. Joana de Menezes Brasil. Foi casado com D. Maria Augusta de Carvalho Brasil Silvado.

Seu pai manteve um colégio primário na cidade do Rio de Janeiro, reputado um dos melhores da época, frequentado por meninos que mais tarde se vieram a distinguir na sociedade brasileira. Dentre eles podemos citar o poeta Antonio Francisco Dutra e Melo.

— O nome de "Silvado" foi acrescentado por um sentimento nativista próprio daqueles que, como José Antonio, tomaram parte nas lutas da independência, sendo Silvado o nome de um sítio, ou lugarejo, que existiu próximo à vila de Itaboraí, no Estado do Rio, de onde era natural. Talvez o próprio nome de "Brasil" tenha tido motivo idêntico.



Dr. João Brasil
Silvado

De fato, aqui no Rio, foi o dr. Brasil Silvado, um dos fundadores da Associação Central Emancipadora e realizou várias conferências abolicionistas no Teatro São Luiz das quais o jornalista Ferreira de Menezes publicava resumos na Gazeta da Tarde.

Em São Paulo, o acadêmico João Brasil Silvado, promovia a fundação da "Sociedades Emancipadora Acadêmica de São Paulo" em 1880.

Diz Evaristo de Moraes que essa sociedade foi uma das primeiras associações verdadeiramente abolicionistas do Brasil. Ainda em 1882, com o concurso do mesmo Brasil Silvado, criava-se o Centro Abolicionista de São Paulo.

Algumas de suas conferências realizadas nessa campanha, bem como alguns de seus artigos abolicionistas publicados na Gazeta do Povo de São Paulo e poesias acham-se impressos no livro de sua autoria ao qual deu o título sugestivo de "Alma Livre". Essas conferências se realizavam no teatro Ginásio da Capital paulista e abrangem o período de 1880 a 1882, ano em que terminou o curso jurídico e recebeu o grau de bacharel em Direito.

Era seu irmão o primeiro-tenente Silvado, falecido quando comandava o "Rio de Janeiro" na batalha naval de Curuzú, na guerra do Paraguai.

Fêz os estudos primários no Seminário de São José e no Colégio Vitorino e os secundários no Externato Aquino, todos no Rio de Janeiro.

Sua irmã foi, até aposentar-se, diretora de uma escola primária situada na rua do Bispo, subvencionada pela Prefeitura.

Terminados os preparatórios, achava-se órfão de pai e, então, ajudado com os recursos financeiros da família pela desapropriação do solar paterno para nêle se instalar a caixa d'água do França, em Santa Teresa, nesta cidade, pôde seguir para São Paulo e matricular-se na Faculdade de Direito.

Em sua vida de acadêmico de Direito foram notáveis os seus trabalhos pela emancipação dos escravos.

Evaristo de Moraes, no livro intitulado "A campanha abolicionista" cita-o diversas vezes e, o dr. Alfredo Gomes na "História do Brasil" cita o nome do dr. Brasil Silvado como o de um destacado abolicionista, digno de ser mencionado num compêndio, ainda que resumido, de nossa história.

Tencionava continuar em São Paulo mas, aconselhado por Luiz Gama, notável abolicionista com quem tanto colaborara, decidiu-se a regressar ao Rio de Janeiro onde sua carreira ao iniciar-se, não encontraria os tenebrosos rancores que o seu entusiasmo e ardor despertaram em poderosos adversários da campanha abolicionista. Continuaria no Rio de Janeiro com José do Patrocínio.

No Rio de Janeiro, abriu escritório de advocacia, trabalhando com o conde Diniz Cordeiro.

Exerceu primeiramente o cargo de sub-delegado e depois o de delegado de policia, funcionando em processos célebres, como o do roubo no consulado português, que lhe proporcionou os melhores elogios.

Desde esse tempo seu coração foi tocado de simpatia pelos menores. Tanto assim é que, mais tarde, em 1895, numa obra que escreveu intitulada "A Policia de Paris e de Londres", dizia o seguinte à pág. 243 : — "Lembrar menores recolhidos à Casa de Detenção é o mesmo que lembrar menores postos pela mão da administração pública no caminho do vicio e do crime".

"Verdadeiro martirologio esse que bem pode ser avaliado por quem como nós, passou algum tempo da sua mocidade trabalhando na repartição policial".

"É uma necessidade a criação de um estabelecimento com este destino (o da educação desses menores), bastante grande para o seleccionamento dos menores".

A proclamação da república veio encontrá-lo como delegado de policia com o chefe conselheiro Basson.

Na manhã de 15 de Novembro de 1889, impressionado pela aflicção do dr. Afonso Celso, filho do visconde de Ouro Preto, por motivo da pessoa do visconde, o dr. Brasil Silvado, passando habilmente por entre civis e militares, aproveitando-se da confusão e das distrações próprias desses momentos, sempre com perigo, sobretudo no portão do quartel-general, conseguiu tudo atravessar até chegar junto ao visconde de Ouro-Preto a quem transmitiu a mensagem do filho.

Com o advento do novo regime passou o dr. Brasil Silvado a servir na instrução pública da Prefeitura do Distrito Federal onde cedo atingiu o posto de Inspetor Escolar e nesse cargo tanto produziu que bem merecia ter sido o seu nome dado a uma escola do Distrito.

Era, além disso, secretário do Conselho de Instrução Superior quando foi chamado a reger a cadeira de Direito Administrativo e Ciência da Administração da Faculdade de Direito, do Rio de Janeiro.

O programa que organizou para o ensino dessas matérias e que fez publicar serviu à orientação de muitos estudantes de Direito mesmo depois que o dr. Brasil Silvado se afastara do cargo por ter de partir para a Europa e os Estados Unidos da América.

É que por aviso de 27 de Março de 1894 o Ministro da Justiça e Negócios Interiores lhe confiara a honrosa incumbência de estudar naquelas regiões a organização do serviço policial e do ensino público.

Escreveu, então, o seu opúsculo "Primary Teaching in Rio de Janeiro" que foi pessoalmente entregar à Exposição Internacional de Filadélfia.

Em Paris e em Londres, durante 1894, estudou a organização da policia e do ensino na França e na Inglaterra.

Assistiu à inauguração da Escola de Surdos Mudos, em Asnières, no Departamento do Sena, de cujo diretor o Sr. Bagner, se fez apreciado, constando o seu nome da ata inaugural.

Visitou várias vezes o instituto de cegos de Paris, enquanto estudava o ensino primário comum e o serviço policial.

De volta ao Brasil, em 1895, redigiu os seus relatório quanto à instrução e quanto à policia. Publicou este último em livro logo esgotado. É uma obra alentada, de assento e sobremão, minuciosamente informativa. Foi um verdadeiro manual de consultas para professores e autoridades. Os capitulos concernentes à identificação de criminosos, às penitenciárias e ao tratamento

e educação dos menores que necessitavam das providências de juizes e autoridades policiais despertaram bastante atenção. As previsões e os projetos que sugeriu vieram a realizar-se mais tarde: a identificação para todas as pessoas, com as carteiras de identidade, a colônia correccional e a escola para os menores de que tratou.

Essa obra e seus serviços anteriores valeram-lhe o convite do ministro Epitácio Pessoa, na presidência Campos Salles, para que o dr. Brasil Silvado aceitasse o cargo de chefe de policia do Distrito Federal, em junho de 1899.

Achava-se então o dr. Brasil Silvado dirigindo o Instituto Benjamin Constant, pois que fôra nomeado diretor pelo então presidente da República, dr. Prudente de Moraes.

Já inteiramente captado pelo amor aos menores cegos, seus educandos nesse Instituto, aceitou o novo cargo como uma comissão temporária que não podia recusar.

Tendo tomado posse do cargo de chefe de policia a 20 de Junho de 1899, daí a poucos dias dava os primeiros passos para realizar o seu mais intimo almêjo: a criação da Escola 15 de Novembro.

As notícias dos jornais da época bem o demonstram. Estão transcritas nos antecedentes históricos do Instituto Profissional Quinze de Novembro.

Além da criação dessa Escola, hoje Instituto, a 3 de Dezembro de 1899, em sua rápida passagem de 7 meses pela chefia de policia, prestou o dr. Brasil Silvado assinalados serviços ao Gabinete de Identificação da Repartição Central da Policia.

O serviço de identificação pela antropometria de Bertillon havia sido criado pelo chefe de policia, coronel Valadao, em principios de 1893, mas fôra posteriormente completamente fechado e abandonado por motivo da revolta da esquadra e por falta de verba.

O dr. Brasil Silvado não só restabeleceu esse serviço, como, separando-o do Serviço Médico Legal, criou à parte o Gabinete de Identificação, sujeitou-o directamente ao chefe de policia, deu-lhe o 1.º regulamento e inaugurou solenemente esse Gabinete a 14 de agosto de 1899, com a presença do chefe de policia de Buenos-Aires, Francisco Beazley, que viera ao Rio de Janeiro, na comitiva do presidente Julio Roca.

Daí por diante, o Gabinete não sofreu solução de continuidade em sua existência e é hoje o Instituto Felix Pacheco.

A esse respeito depõe o illustre ministro do Supremo Tribunal Federal, Dr. Edgar Gosta, no livro "Medicina Legal e Criminologia" do professor Leonidio Ribeiro (Jornal do Comércio de 9 de outubro de 1949):

— "Data propriamente de 1899 a primeira organização regular, entre nós, de um serviço de identificação".

Numa cidade tão entrecortada de travessas e ruas estreitas e tortuosas, como era o Rio de Janeiro daquela época, causava sensação e aprêço, o esforço exaustivo e pessoal do dr. Brasil Silvado por dotar o capital do país de um bom serviço policial de vigilância e nisso foi bem sucedido como o atestam os elogios recebidos da imprensa.

Nesse 2.º semestre de 1899 são constantes as notícias como a seguinte extraída da *Cidade do Rio* de 18 de Janeiro de 1900: "O dr. Brasil Silvado, chefe de policia, em visita que fez, à 1½ da madrugada à delegacia da 3.ª circunscrição urbana deixou escrito no livro das partes diárias o seguinte: —

"Depois de haver percorrido várias circunscrições e visitado as estações das companhias de bondes de São Cristovão e de Vila Isabel dirigi-me a esta delegacia onde cheguei à 1 hora da madrugada tendo vindo pela Praia Formosa, ruas de Santo Cristo, Livramento e Saúde que percorri. Encontrei uma fôrça da Brigada Policial na rua de Santo Cristo em frente a da América, e várias praças rondantes em seus postos, um official da Brigada Policial em ronda e alguns guardas-noturnos. Na delegacia encontrei vigilante o sr. inspetor Pedro Floret, achando-a em ordem. Rio, 17 de janeiro de 1900 (ass.) *Brasil Silvado*".

Indo diariamente duas vezes à sua repartição, uma de dia e outra de noite, perseverou nessa atividade até que, de exausto, resolveu deixar o seu alto cargo e regressar à diretoria do Instituto Benjamin Constant. Assim, A NOTICIA de 24 de janeiro de 1900 publicava a seguinte nota: "Ontem, a noite, o sr. Ministro da Justiça conferenciou longamente com o sr. presidente da República, tratando-se do pedido de demissão apresentado pelo dr. Brasil Silvado. O Governo ainda não resolveu sobre o pedido de exoneração de Sua Excelência."

E noutro tópico: "O sr. dr. Brasil Silvado, embora grato pelas palavras do sr. ministro, insistiu pela exoneração do cargo". E a 25 de janeiro de 1900 publicava A NOTICIA a seguinte despedida: "A 1 hora da tarde tivemos a honra de receber a visita pessoal do ilustre sr. dr. Brasil Silvado. Se é certo que S. Ex. não precisava agradecer a esta fôlha a Justiça que sempre lhe fez porque era dever nosso, em todo o caso, a sua visita nos deu o agradável ensejo de renovar-lhe os protestos de alto conceito em que sempre o tivemos". Notas semelhantes apareceram em outros jornais.

Regressava para a diretoria do Instituto Benjamin Constant, que vinha exercendo desde 7 de outubro de 1895 e de onde se afastaria, a pedido, em setembro de 1902. Nesse Instituto, além de várias reformas materiais, iniciou o ensino profissional dos educandos cegos, abrindo várias oficinas, inclusive as de vassouras, escovas e espanadores, colchões, caixas de papelão, cartomagem e empalhação de móveis.

Mandou vir dos Estados Unidos da Am-rica a máquina de estereotipos para cegos a fim de aumentar a produção da tipografia. Entretanto, mesmo antes de funcionar essa máquina, já no período de 1896 a 1901, a biblioteca do Instituto fôra aumentada de mais de 6.000 volumes uns impressos na tipografia do estabelecimento, outros aí encadernados. Editou em tipo Braille a Gramática Superior de João Ribeiro e o Evangelho de São João.

Semanalmente, aos sábados, dirigia reuniões de encorajamento e orientação aos alunos presentes. Foi rigoroso e empenhado no preparo e seleção dos professores do que dá significativa demonstração nas palavras que escreveu e nas difíceis provas a que fez se sujeitarem os três concorrentes, aliás todos cegos, a um lugar de repetidor de música do Instituto e cujas questões estão reproduzidas na obra que publicou em 1901, intitulada "Les Aveugles au Brésil". Dessas provas foi vencedor um distinto aluno do Instituto.

Não podendo o Instituto Benjamin Constant dar instruções a um avultado número de cegos no Brasil inteiro, publicou o dr. Brasil Silvado o seu "Guia prático para a educação dos cegos", àvidamente procurado por todo o país e cedo esgotado.

A banda de música do estabelecimento e sua orquestra tornaram-se apreciadas pelos cultores da música no Rio de Janeiro que acorriam ao salão do Instituto para ouvirem as admiráveis execuções artísticas dos alunos cegos, tocando peças como as do programa da festa de 17 de Setembro de 1901, publicado no citado livro "Les Aveugles au Brésil".

Ainda nesta obra descreve o seu invento, aperfeiçoando uma régua de tal modo que os cegos pudessem colocar os acentos e a cedilha nas letras que traçassem a lápis, quando se correspondessem com videntes. Numa gravura desse livro vem ilustrada essa régua da qual inventou o referido aperfeiçoamento. Hoje, com a máquina de escrever ficou desusada essa régua.

Na educação física, o dr. Brasil Silvado iniciou o ensino e os exercícios de natação dos alunos cegos, aproveitando a praia calma e rasa em frente ao estabelecimento, conforme está exposto em "Les Aveugles au Brésil".

Esse livro foi escrito em francês como contribuição do Dr. Brasil Silvado ao congresso de educadores de cegos que se reuniu em Bruxelas, em 1901. É um repositório de informações do que se fazia no Instituto Benjamin Constant há meio século. Traz uma pequena, mas interessante monografia do dr. Moura Brasil quanto às causas e à distribuição geográfica da cegueira no nosso país.

Os conceitos expostos nesse livro mostram o fruto dos esforços e dos estudos do dr. Brasil Silvado para bem servir aos seus jovens educandos, como servia aos cegos de todo o Brasil com o "Guia Prático" mencionado linhas atrás, cheio de gravuras e de explicações de modo a habilitar as Famílias dos cegos, em longínquas partes do nosso país, a praticarem a escrita e leitura dos pontos de Braille e a instruírem cegos tanto menores, como adultos.

No "Les Aveugles au Brésil" imprimiu ainda o dr. Brasil Silvado o horário das atividades do Instituto para demonstrar, como diz, que no Rio de Janeiro, ao par do recreio, muito se estudava e trabalhava. Esse livro, cheio de estampas e gravuras, cuja impressão faz honra à Imprensa Nacional, deve ter concorrido para elevar bem alto o nome do nosso país no estrangeiro.

Nomeado diretor do Instituto Nacional de Surdos Mudos a 26 de março de 1903, já com a saúde abalada, pôde o dr. Brasil Silvado aí permanecer, apenas, por 4 anos.

Nesse estabelecimento criou o ensino da modelagem e a "Revista do Instituto Nacional de Surdos Mudos" na qual colaborou assiduamente, propugnando pelo início da educação das meninas surdas e por melhor seleção dos métodos de ensino.

Retirando-se, em seguida, à vida particular, demorou-se por algum tempo em suas terras de Barra Mansa, no Estado do Rio, seguindo posteriormente para Paris, onde veio a falecer no dia 5 de dezembro de 1911.

Seu enterro, na capital francesa, foi acompanhado pelo diretor, por um repetidor e pelo professor Boudin da Institution Nationale des Sourds-Muets, de Paris.

Nessa sua última estadia na França, visitou ainda o dr. Brasil Silvado, as escolas de cegos, de surdos e as escolas especiais criadas por inspiração dos trabalhos do psicólogo professor Binet.

Dessas atividades em Paris enviava notas a A NOTICIA, do Rio de Janeiro, que, ainda em 1911, publicava essa correspondência, sob o título de "Monumentos e escolas de Paris".

O sr. José do Patrocínio, retrucando a adversários, escreveu um editorial na "Cidade do Rio", do qual basta citar alguns trechos para bem terminar esta notícia biográfica. ("Cidade do Rio de 24 de janeiro de 1900").

" B E N D I T A S E J A ! "

"Com efeito, o sr. dr. Brasil Silvado nos comprou, mas não foi antontem. Há, dessa compra, alguns anos já.

"A nossa venda se efetuou no dia em que subimos juntos à mesma tribuna para defender os cativos.

"Então era ainda um crime afirmar que tódas as raças são irmãs diante de Deus e Brasil Silvado não hesitou em aceitar a co-responsabilidade numa propaganda cuja glória é hoje tão ambicionada pelos próprios que mais a combaterem e que, naquele tempo, era tão perigosa como o é hoje fazer justiça a quem a merece.

"Somos de fato vendidos ao sr. dr. Brasil Silvado.

"É o momento de fazer Justiça a uma alma que não podemos deixar de reconhecer tão nobre como as que mais o são.

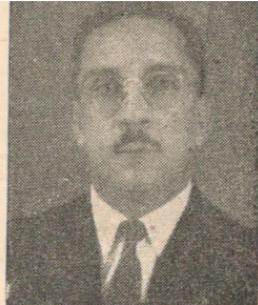
"Eis o segredo do nosso artigo, o preço da nossa venda.

"Bendita seja a calúnia : — ela nos deu ensejo de publicar a nossa gratidão".

OBRAS PUBLICADAS PELO DR. BRASIL SILVADO :

- "Pequenos ensaios. Poesias". (S. Paulo, tip. Comercial, 1879) ;
- "Alma Livre" (Lembranças da Academia). (Tip. da Gazeta do Povo, São Paulo, 1882) ;
- "Conferências Abolicionistas", 1884; (Conclui na pág. 13)

ESTA PÁGINA DESTINA-SE À PUBLICAÇÃO DE
TRABALHOS DE ALUNOS RECUPERADOS E EM
RECUPERAÇÃO



REMINISCÊNCIAS

João Escobar Filho

Sou surdo, nasci em S. Borja (Rio Grande do Sul). Minha família transferiu-se para a capital da República, onde aprendi, particularmente, as primeiras letras com o mestre Saúl Borges Carneiro.

Foi no Instituto Nacional de Surdos Mudos que aprendi desenho à lápis e modelagem, em menos de 1 ano. Cursei 5 anos o curso de Pintura, na Escola Nacional de Belas Artes, abandonei a Escola para me dedicar especialmente a pintura aquarela.

Mais tarde entrei, no Curso de Aperfeiçoamento de Água Forte, no Liceu de Artes e Ofícios. Por cinco vezes, fui premiado com Menções Honrosas (Pintura e desenho), no Salão Nacional, no Rio Grande do Sul e menção com louvor no Salão Municipal do Distrito Federal.

Fui classificado em 6.º lugar no concurso de cartazes de Propaganda do 5.º Congresso Eucarístico Nacional, em P. Alegre (1947).

Ganhei o prêmio da Caixa Econômica, concedido ao mais distinguido aluno em Água Forte do Liceu de Artes e Ofícios no ano letivo de 1947. No Ano Santo de 1950, fui à Europa visitando Lisboa, Madrid, Paris, Londres, Lausanne e Roma, observando e estudando as obras artísticas desses países.

Fui adjunto da Comissão de Salão Municipal de Belas Artes, duas vezes, em 1949 e 1950. Atualmente sou diretor de Permutas e da secção Ex-libris da Sociedade Brasileira de Belas Artes.

Sou colecionador e fundador do Clube Internacional de Ex-libris.

Além dessas atividades sou professor particular de pintura, desenho e gravura (madeira e linóleo).

INSTRUÇÕES AOS PAIS

(“John Tracy Correspondence Course”) (1)

(Continuação do número anterior)

A criança percebe as cores desde muito cedo e tem grande interesse por elas. Vamos, pois, usá-las para aperfeiçoar a visão.

Para esse trabalho, Você deverá empregar objetos que tenham colorido vivo e bem definido. No início, use apenas duas ou três cores, para não estabelecer confusão, à medida que a criança os conheça bem e os saiba distinguir, vá acrescentando outras, uma ou duas de cada vez.

Alguns lápis de cor, pedacinhos de feltro, quadradinhos de madeira, esmaltados com cores bonitas e vivas, sobretudo bem definidas, lhe serão de muita utilidade.

Você fará então que a criança lhe mostre os objetos que tenham o mesmo colorido, que os ajunte em grupos, de acordo com as cores que possuam: que lhe indique, entre os objetos que a rodeiam, todos os que tiveram colorido idêntico; enfim, Você fará uma série de diferentes exercícios, que deverão induzi-la aos poucos, a ir aprendendo os nomes das cores e as distinguir, compreendendo também pelos movimentos dos lábios.

LEITURA LABIAL

A leitura labial requer uma visão muito sutil, a leitura labial é um exercício para o de-

envolvimento da visão, logo, um treino sensorial.

Não confundir o ensino da leitura labial com o de linguagem articulada. O primeiro é o ensino de compreensão da linguagem pelos movimentos dos lábios, o segundo, é o ensino de articulação dos sons da palavra.

A criança surda, como as demais crianças, deve compreender as coisas em seu redor, antes que venham a ter necessidade de se expressar. É de enorme importância que a criança privada de audição, comece o mais cedo possível a ter essa compreensão. Os pais e as pessoas que cercam a criança, são pois as que mais podem fazer para isso.

EXERCÍCIOS COMBINANDO OBJETOS

Use de início, três pares de brinquedos. Por exemplo, dois aviões, dois automóveis, duas bolas.

Sente-se como a criança à mesa. Em sua frente, Você coloque um de cada desses objetos, fazendo o mesmo com a criança.

Depois, Você tire do seu grupo um dos brinquedos e o coloque, sozinho, no centro da mesa. A criança deverá então, escolher no seu grupo, o igual e colocá-lo junto.

Você poderá usar maior número de brinquedos se a criança não demonstrar dificuldades.

(1) Tradução do prof. O. Fontenele.

Podará também usar para o mesmo exercício certos objetos como : dedais, facas, pentes, lâpis, escovas de dente, etc.

COMPARAÇÃO DE UM OBJETO A UMA FIGURA

Figuras representando objetos do já conhecimento da criança. Procure figuras bem parecidas com a dos brinquedos que fôr usar. Se Você fôr hábil, poderá desenhá-las.

Figuras representando uma boneca, um pão, uma bola.

Por exemplo : brinquedos, uma bonequinha, um pão, uma bola.

Espalhe as figuras sôbre o chão ou sôbre a mesa. Então

Você mostre e dê à criança um desses brinquedos. A criança deverá colocá-lo sôbre a figura que o represente. Você deverá mostrar o seu contentamento tôda vêz que a criança acertar. Bata palmas, ria, etc.; demonstre a sua satisfação.

É de tôda a conveniência que êsses exercícios sejam feitos com alegria, como se você estivesse competindo com a criança num jogo.

Aproveite também para pronunciar os nomes dos objetos em tôdas as oportunidades que a criança prestar atenção.

(continua no próximo número)

(Continuação da pág. 23)

Art. 21 — Não havendo o número indicado no art. anterior, poderá realizar-se a reunião meia hora após a hora marcada na primeira convocação e, então poderá resolver com qualquer número.

Art. 22 — Os sócios assinarão

a lista de presença, que será encerrada pelo secretário, ao se iniciarem os trabalhos da Assembléia.

Art. 23 — O ano social começa em 1.º de março e termina no último dia de fevereiro.

Art. 24 — A Assembléia Geral compete :

ASSISTÊNCIA PEDAGÓGICA À CRIANÇA SURDA

PROFS. J. MÁRIO BARRETO — R. KRIVOCHEIN — M. LOURDES BARRETO

Av. Rio Branco, 138-13.º andar — Tel. 22-6662 — D. Federal

Testes psicológicos — Ensino da linguagem articulada e da leitura labial — Ensino auditivo-visual, através de aparelhagem de amplificação sonora — Orientação aos pais —
Ensino da leitura labial para adultos.

Estatutos da Associação Brasileira de Professores de Surdos

CAPÍTULO I

Denominação, Sede e Fins

Art. 1 — Esta associação, fundada na cidade do Rio de Janeiro, à 21 de agosto de 1952, é denominada Associação Brasileira de Professores de Surdos, (A.B.P.S.).

Art. 2 — Seus fins são :

a) — a cooperação com os poderes públicos e as pessoas jurídicas e naturais nos esforços de bem compreender e resolver as questões da surdez, da linguagem humana e da instrução do surdo;

b) — o estudo da surdez e da linguagem humana, em todos os sentidos, principalmente sob o aspecto médico, educacional, psicológico e filosófico;

c) — a difusão dos conhecimentos dos referidos assuntos;

d) — o empenho na obtenção de bolsas aos que se dedicarem a êsses estudos;

e) — a defesa dos interesses dos professores de surdos e bem assim da dignidade e prestígio do seu magistério;

f) — promover e fomentar o espírito de solidariedade entre os sócios.

Art. 3 — Esta Associação tem sede e fôro nesta capital; tem duração indeterminada; é constituída por número ilimitado de sócios, que não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 4 — O patrimônio social será constituído das rendas produzidas pelas contribuições dos sócios, donativos, subvenções e outras fontes legítimas.

CAPÍTULO II

Dos sócios

Art. 5 — Os sócios são classificados em :

- Fundadores;
- Efetivos-integrais;
- Efetivos;
- Correspondentes;
- Honorários;
- Beneméritos.

Art. 6 — Serão considerados fundadores e terão os mesmos direitos dos efetivos-integrais todos os sócios que tenham participado da fundação desta Associação.

Art. 7 — São admissíveis como sócios efetivos-integrais os professores, ou ex-professores de surdos que exerçam ou tenham exercido legalmente o magistério dos surdos, em caráter efetivo ou equiparado ao efetivo, numa escola ou curso reconhecido por esta Associação.

Art. 8 — São escolas ou cursos reconhecidos por esta Associação :

a) — as escolas oficiais nacionais, estaduais e municipais;

b) — as escolas e cursos particulares devidamente reconhecidos por esta Associação.

§ 1 — Serão reconhecidos os cursos e escolas particulares que se sujeitarem prévia e espontaneamente à inspeção desta Associação;

§ 2 — Cessará o reconhecimento desde que a escola ou curso particular se negue à inspeção ou seja tido como inferior ao nível de reconhecimento desejado por esta Associação.

§ 3 — De conformidade com as condições contratuais dos professores nessas escolas e cursos particulares e de conformidade com os

relatórios dos inspetores desta Associação, poderão tais professores ser admissíveis ou não admissíveis à categoria de sócios efetivos-integrais desta Associação.

Art. 9 — Serão admissíveis como sócios efetivos desta Associação:

a) — os professores de surdos que não possam ou não desejem ser incluídos como efetivos-integrais;

b) — os médicos otorrinolaringologistas;

c) — os médicos, os cientistas e os estudiosos que se dedicarem à consideração dos distúrbios da palavra e da linguagem provenientes da surdez;

d) — os professores nas escolas superiores de matérias relativas à linguagem humana, quanto à sua psicologia, filosofia e metodologia;

e) — os cientistas e os estudiosos que por seus trabalhos, publicações ou teses se comprovam competentes conhecedores da surdez ou da linguagem humana, ou da pedagogia dos surdos.

Art. 10 — A admissão de sócios efetivos e de sócios efetivos-integrais depende de proposta ou da Diretoria ou de 2 sócios efetivos-integrais.

§ 1 — A Diretoria nomeará uma comissão de 2 membros para dar parecer relativo a cada proposta.

§ 2 — O relatório dessa comissão será sujeito à Assembléa Geral para resolver quanto à admissão.

Art. 11 — Correspondentes serão os sócios que, embora satisfaçam às condições de admissíveis à categoria de efetivos ou de efetivos-integrais, não tenham, entretanto, domicílio ou residência permanente no Distrito Federal ou lugar tão próximo que lhes permita frequentarem os trabalhos da Associação.

§ único — A Assembléa Geral pode admiti-los em suas resoluções,

se entender que seu contacto com as atividades da Associação bem justifica essa admissão.

Art. 12 — Honorários serão aqueles que pela Assembléa Geral forem considerados merecedores desta distinção.

Art. 13 — Beneméritos serão aqueles que, por seus trabalhos e esforços ou por seus donativos e contribuições, sejam considerados, pela Assembléa Geral, merecedores desse título.

Art. 14 — Contribuintes serão os sócios efetivos, os efetivos-integrais e os correspondentes.

As mensalidades serão fixadas pela Assembléa Geral.

CAPÍTULO III

Dos órgãos da Associação

Art. 15 — São órgãos da Associação:

- a) — uma diretoria;
- b) — um conselho fiscal;
- c) — uma assembléa geral.

Da Assembléa Geral

Art. 16 — A Assembléa Geral é o poder supremo desta Associação e decidirá, afinal, em todos os assuntos.

Art. 17 — É formada exclusivamente de sócios efetivos integrais.

18 — Reunir-se-á uma vez por ano, em novembro, por convocação do presidente, amplamente anunciada.

Art. 19 — Poderá reunir-se extraordinariamente ou por convocação da Diretoria ou a requerimento de 10% dos sócios efetivos-integrais quites.

Art. 20 — Para deliberar em primeira convocação, deverá contar no mínimo 2/3 dos sócios efetivos-integrais quites.

(Continua na pág. 21)

SUMÁRIO

	Págs.
— A deficiência auditiva e os escolares do Distrito Federal	1
— Conclusões da Comissão relativa às crianças portadoras de distúrbios da palavra	3
— O uso de aparelhos de prótese auditiva	7
— A educação moderna dos surdos-mudos	8
— O cego e o surdo-mudo	10
— Nova janela para o ouvido do surdo	11
— Notícia biográfica do Dr. João Brasil Silvado	14
— Página do surdo	19
— Instruções aos pais	20
— Estatutos da Associação Brasileira de Professôres de Surdos	22

**APARÉLHOS
PARA**

SURDEI

TELEX

Apresentamos à distinta Classe Médica o aperfeiçoadíssimo aparelho "SUPER-TELEX" modelo 952 de amplificação máxima com 5 válvulas especialmente indicado para casos de hipoacusia profunda, e o modelo 953 leve e de tamanho reduzido para casos de hipoacusia média e pequena.

**MODELAGEM INDIVIDUAL — OFICINAS PRÓPRIAS DE
CONCERTOS E PRÓTESE AURICULAR — AUDIOMETRIA.**

CENTRO AUDITIVO TELEX S. A.

- Rio de Janeiro — Av. Rio Branco, 138 - 13.º and. - Tel. 22-6662
São Paulo — Rua 24 de Maio, 250 - 12.º and. - Tel. 36-1655
Curitiba — Rua Barão do Rio Branco, 41 - 6.º andar
Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 740 - 1.º andar
Pôrto Alegre — Rua dos Andradas, 1409 - 5.º andar
Recife — Rua das Palmas, 295 - 5.º andar

SE...

VOCÊ É MÉDICO-OTO-RINO

VOCÊ É PROFESSOR DE SURDOS

VOCÊ É UM ESTUDIOSO DOS DISTÚRBIOS
DA LINGUAGEM E DA PALAVRA
PROVENIENTES DA SURDEZ

VOCÊ É PROFESSOR DE PSICOLOGIA, FILO-
SOFIA OU METODOLOGIA DA LIN-
GUAGEM HUMANA

ENTÃO

VOCÊ SERÁ NOSSO ASSOCIADO